

1

Introdução: problema ou mistério?

Este trabalho tem como objetivo expor a controvérsia em torno da teoria da consciência desenvolvida por Daniel Dennett a partir de seu livro *Consciousness Explained*,¹ e defendida e estendida em diversos artigos e livros posteriores, o mais recente deles *Sweet dreams*.²

Se muitos livros têm sido escritos apenas sobre as polêmicas em torno do conceito de “consciência”, as idéias de Dennett estão no “olho do furacão”. Isto se deve, em parte, ao fato de Dennett ter uma verdadeira *teoria* em meio a uma miríade de discussões que procuram, acima de tudo, provar o que a consciência *não é* – cognoscível, para Colin McGinn;³ redutível à física, para Thomas Nagel;⁴ algorítmica, segundo John Searle⁵ e Roger Penrose;⁶ originada pela seleção natural, para Jerry Fodor;⁷ funcionalista, para Ned Block.⁸ David Chalmers apresenta não mais do que um esboço de teoria em seu livro *The Conscious Mind*.⁹ Dito de outra forma, não é surpreendente que o Modelo de Esboços Múltiplos dennettiano (doravante MEM), uma teoria bastante abrangente, tenha chamado tanta atenção em um cenário carente de teorias e repleto de argumentos negativos (embora isto esteja mudando, como indicam os trabalhos recentes de Gregory Mulhauser e Thomas Metzinger¹⁰). Dennett, enfim, tem uma síntese a

¹ Dennett, 1992a.

² Idem, 2005.

³ McGinn, 1990.

⁴ Nagel, 1974.

⁵ Searle, 1998.

⁶ Penrose, 1989.

⁷ Fodor, 1974.

⁸ Block, 1980.

⁹ Chalmers, 1996.

¹⁰ Metzinger, 2005.

defender, enquanto muitos de seus colegas trabalham com posições ainda inarticuladas.

No entanto, o fato que mais diretamente motivou muitas das críticas ao MEM decorre da construção deste sobre uma base naturalista. Filósofos como Thomas Nagel, David Chalmers e John Searle sustentam que a metafísica que permeia o MEM é um equívoco cientificista, um preconceito que obscurece as propriedades fundamentais da mente consciente. Segundo esta visão, qualquer pesquisa empírica que visa descrever as experiências de primeira pessoa acaba necessariamente descrevendo algo inteiramente diferente. Nas palavras de Chalmers,

Se bem-sucedido, [o MEM] ofereceria uma explicação da capacidade de relatar, e de forma mais geral, da influência de vários tipos de informação sobre o controle do comportamento (...) porém, não avança mais do que o modelo anterior [defendido por Dennett em *Brainstorms*¹¹] para nos explicar por que deveria haver experiência consciente na vizinhança destas capacidades.¹²

Na filosofia de Chalmers, o materialismo passa longe do chamado “Problema Difícil” da consciência (discutiremos a distinção entre “Problema Fácil” e “Difícil” no próximo capítulo). Os estudiosos hostis ao reducionismo na Filosofia da Mente visam fortalecer a intuição de que teorias materialistas da consciência terminam por deixá-la mutilada, cegas que são para seus aspectos ontológicos. Segundo Dennett, “Existe uma poderosa e onipresente intuição de que modelos de consciência computacionais, mecânicos, do tipo favorecido por naturalistas como nós, *deve deixar algo de fora* – algo importante”.¹³ Evidentemente, os argumentos e o aspecto estranho à metafísica naturalista variam de filósofo para filósofo (veremos como, no segundo capítulo). Noam Chomsky¹⁴, Thomas Nagel e Colin McGinn nos encorajam a pensar a subjetividade como algo intratável – mais do que um problema, um *mistério*, na terminologia de Chomsky. Este grupo de inimigos do reducionismo foi

¹¹ Dennett, 1978.

¹² Chalmers, 1996, p. 114. Minha tradução.

¹³ Dennett, 2005, p. 13. Minha tradução.

¹⁴ Chomsky, 1994

denominado pelo filósofo Owen Flanagan¹⁵ de *mysterians*, um termo também utilizado por Dennett. Este vê os *mysterians* como obscurantistas que, carentes de argumentos para derrubar os modelos computacionais, argumentam com base apenas em uma intuição obsoleta, presente já na *Monadologia* de Leibniz, de que a consciência jamais poderia ter seu fundamento em uma máquina, por mais complexa que esta fosse. O outro grupo de críticos anti-reducionistas é formado por filósofos como Chalmers e Searle, que consideram a questão intratável se abordada com a perspectiva de terceira pessoa, mas explicável, caso fossem abandonados os pressupostos materialistas (Chalmers também chama a consciência de “mistério” na introdução de seu livro, mas deixa claro mais adiante que não vê a consciência como inexplicável). É importante destacar que as duas posições têm muito em comum; ambas compartilham um arsenal de conceitos (*qualia*, *zumbis*) e argumentos (O Quarto Chinês,¹⁶ o morcego de Nagel); as conclusões é que são um tanto díspares. Neste debate entre Dennett e os anti-reducionistas, temos objeções tanto metafísicas quanto epistemológicas. No primeiro grupo, temos a rejeição de uma visão reducionista, onde só existe o que for em última análise descritível (em princípio) na linguagem da física elementar. Toda ontologia remete à física ou é parte desta. A filosofia, quando correta, nada mais é do que uma maneira particular de descrever a realidade física. Os anti-reducionistas consideram esta ontologia incompleta (Searle chega a falar em “subjetividade ontológica”)¹⁷, por não ser capaz de acomodar a realidade sempre evidente da subjetividade. Isto nos remete à discórdia epistemológica: contra Dennett, os anti-reducionistas tentam nos persuadir de que podemos simplesmente intuir a irreducibilidade da consciência – nossa introspecção nos dá autoridade para tanto, e faz com que sejamos a maior autoridade sobre nossa própria subjetividade. Em suma, a introspecção nos dá um acesso privilegiado à ontologia da mente. Dennett aceitou o desafio de demonstrar que esta visão é equivocada, e a plausibilidade de sua teoria depende em parte da superação deste obstáculo. Esta dissertação vai focar os argumentos de Searle e Chalmers. Entendemos que as objeções de Dennett ao trabalho destes autores valem como refutação da posição

¹⁵ Flanagan, 1992.

¹⁶ Searle 1998, p. 38-40.

¹⁷ *Ibidem*, p. 138.

dos *mysterians*, já que, como vimos acima, eles partem dos mesmos pressupostos. O trabalho do filósofo Gregory Muhlhauser¹⁸ é uma contribuição interessante para este debate, na medida em que reforça a argumentação de Dennett em favor do reducionismo.

Pretendemos também examinar algumas objeções relativas a características específicas do MEM, levantadas por um pesquisador que aceita, grosso modo, a epistemologia e metafísica adotadas por Dennett. Este pesquisador é o filósofo Paul Churchland, que também tem projeto reducionista e se considera um aliado de Dennett. Churchland pretende fortalecer o MEM, tornando-o ainda mais próximo das ciências empíricas.

¹⁸ Muhlhauser, 1996.